

The background of the book cover features a large, gnarled tree on the left side, its branches extending across the top. The background is filled with abstract, organic shapes in shades of orange, red, and brown, creating a textured, layered effect. The overall color palette is warm and earthy.

organizadora

Sabrina Hax Duro Rosa

autor

Luís Lourenço Faicha

O FUTURO É PRETO



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

 peripécia

organizadora

Sabrina Hax Duro Rosa

autor

Luís Lourenço Faicha

O FUTURO É PRETO



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

| São Paulo | 2025 |

 peripécia

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F159f

Faicha, Luís Lourenço -
O Futuro é Preto / Luís Lourenço Faicha.
Organização Sabrina Hax Duro Rosa. – São Paulo:
Peripécia, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-35-1

DOI 10.31560/pimentacultural/978-65-88192-35-1

1. Poesia. 2. Africanidades. 3. Negritude.
4. Educação Antirracista. 5. Relações Étnico-raciais.
I. Faicha, Luís Lourenço. II. Rosa, Sabrina Hax Duro
(Org.). III. Título.

CDD 305.8961

Índice para catálogo sistemático:

I. Relações Étnico-raciais - Poesia

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 o autor.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/)

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	idwankurnia, pikisuperstar - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Apple Garamond, Coolvetica, Gravtrac
Revisão	A organizadora e o autor
Organizadora	Sabrina Hax Duro Rosa
Autor	Luís Lourenço Faicha

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com


peripécia
2 0 2 5

Dedico este livro à comunidade negra, cuja história, luta e resiliência inspiram cada palavra aqui escrita. Àqueles que vieram antes de nós, que resistiram para que hoje pudéssemos sonhar mais alto. Aos meus amigos e familiares, que me acompanham nesta jornada, me fortalecem e me lembram, todos os dias, do valor das minhas raízes.

Que estas páginas sejam um tributo à nossa identidade, um grito de orgulho e um lembrete de que o futuro é, e sempre será, preto.

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro foi mais do que uma jornada literária — foi um ato de amor, resistência e reafirmação da minha identidade. Cada palavra aqui carrega a força da minha ancestralidade e o desejo de um futuro mais justo para todos nós.

Agradeço a Deus, que me dá forças todos os dias e ilumina meu caminho. Sem Ele, nada seria possível.

À minha família, que é minha base e meu refúgio. O sangue e a história que correm em minhas veias vêm de vocês, e isso me dá orgulho e propósito.

Aos meus amigos, que me incentivam e me lembram constantemente do meu valor. Suas palavras, gestos e apoio são parte essencial da minha caminhada.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), pela oportunidade e pelo apoio contínuo. Estar em um espaço que valoriza o conhecimento, a diversidade e a transformação social fortalecem minha trajetória e amplia meus horizontes.

A todos que lutam, que resistem, que fazem do mundo um lugar mais justo. Esse livro é para vocês. Para os que vieram antes de nós e abriram caminhos, para os que estão aqui e continuam avançando, e para os que ainda virão e herdarão nossas conquistas.

E a você, que leu cada poesia, que sentiu cada verso e que compartilha desse sonho. Que este livro te inspire, te fortaleça e te faça lembrar sempre: o futuro é preto. E ele nos pertence.

“A luta contra o racismo é a luta pela humanidade.”

(RIBEIRO, 2017)

SUMÁRIO

Prefácio	9
Apresentação	11

I.

ORIGEM E ANCESTRALIDADE . . . 13

O primeiro sol.....	15
Vozes da terra.....	17
O chamado dos ancestrais.....	19
Sangue que conta histórias.....	21
O nome que carrego	23
O som do tambor	25
Pele de ébano	27
Raízes fundas	29
Memórias da tribo.....	31
Caminhos traçados pelo tempo.....	33

II.

RESISTÊNCIA E LUTA 35

Correntes invisíveis.....	37
Gritos na madrugada	39
O peso da história	41
Cicatrizes que falam.....	43
Passos de revolução	45
Chão de ferro e luta	47
O racismo mora aqui	49
Heróis sem estátuas	51
Caminhos de ferro e chibatadas	53
Levante	55

III.**BELEZA E ORGULHO 57**

A pele que brilha.....	59
Crespos como coroas	61
Boca carnuda, sorriso largo.....	63
Olhos como noite estrelada.....	65
Dança dos povos	67
Meu corpo, minha história	69
O charme da melanina.....	71
Beleza que o mundo copia	73
O sol que me beija	75
Minha beleza não precisa de permissão.....	77

IV.**FUTURO E ESPERANÇA 81**

O futuro é preto – 1	83
O Futuro é preto – 2	85
Filhos da esperança.....	87
A nova era.....	89
Sonhos que rompem grades	91
Páginas em branco, tinta preta.....	93
O poder de ser	95
Nossa voz no mundo.....	97
Liberdade inadiável.....	99
Mais fortes que ontem	101
Um novo amanhecer.....	103
Manifesto para o amanhã.....	105
Referência	107
Posfácio	108
Glossário	110
Sobre a organizadora	114
Sobre o autor	115

PREFÁCIO

Forte e reflexivo, esta obra pode ser pensada como a história do povo negro, uma narrativa de resistência, resiliência e beleza. Penso que é uma história que atravessa oceanos, supera grilhões e se ergue contra séculos de opressão. É uma história que, apesar de tantas tentativas de apagamento, permanece viva, pulsante e poderosa. “O Futuro é Preto” é mais do que um livro de poesias; é um manifesto, um grito de orgulho e uma celebração da identidade negra em todas as suas dimensões.

Nestas páginas, Luís Lourenço Faicha nos convida a uma jornada profunda e emocionante através das raízes africanas, das lutas contra o racismo estrutural e da beleza que emerge de sua subjetividade e resistência. Cada poema é um testemunho da ancestralidade que nos conecta a um passado glorioso, mas também um chamado para um futuro que estamos construindo com nossas próprias mãos. É uma obra que nos lembra que, apesar das cicatrizes deixadas pela história, somos feitos de força, de sonhos e de uma esperança inquebrantável.

Ao ler estes versos, somos levados a refletir sobre o que significa ser negro em um mundo que ainda tenta nos silenciar. Mas, mais do que isso, somos convidados a celebrar a nossa existência, a nossa cultura e a nossa capacidade de transformar dor em poder. “O Futuro é Preto” não é apenas uma afirmação de identidade; é um ato de resistência literária, uma prova de que a nossa voz não pode ser calada.

Esta obra é um tributo aos que vieram antes de nós, que lutaram para que hoje pudéssemos sonhar mais alto. É também um presente para as gerações futuras, que herdarão um mundo mais equânime, construído com o suor e a determinação de quem nunca desistiu.

Que estas poesias inspirem, fortaleçam e lembrem a todos que o futuro não é apenas uma promessa distante, mas uma realidade que estamos moldando a cada dia.

Que “O Futuro é Preto” ecoe em seus corações e mentes, e que cada palavra aqui escrita seja um passo em direção a um amanhã onde a negritude seja celebrada em toda a sua plenitude. Porque, como bem nos lembra Luís Lourenço Faicha, o futuro é preto, e ele já começou.

Paulo Gutemberg de Noronha e Silva

Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Rio Grande

Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Doutorando em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL)

APRESENTAÇÃO

Minha jornada de mudança de Angola para o Brasil, em 2024, foi um marco transformador na minha vida. A decisão de vir estudar engenharia neste país, com sua riqueza cultural e história única, foi motivada pelo desejo de crescer e expandir meus horizontes. Contudo, ao chegar aqui, me deparei com uma realidade inesperada: pela primeira vez, experimentei a vivência de ser negro em um país onde o racismo é estrutural e está presente em cada canto, em cada olhar, em cada fala. Foi um choque profundo. O racismo aqui não é apenas uma palavra, mas uma vivência constante, difícil de encarar, e que exige uma resistência diária. Isso me levou a refletir sobre o que significa, de fato, ser negro em uma sociedade que tenta nos silenciar, nos inferiorizar e nos marginalizar.

Foi nesse cenário desafiador que senti a necessidade de dar voz a todas as experiências que vivia e presenciava, e foi assim que surgiu a ideia deste livro. Em 2024, decidi que queria escrever sobre a realidade do povo negro, a luta contra o racismo e as vitórias que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos da sociedade. Foi a partir dessas reflexões que compus os versos que agora formam *O Futuro é Preto*. Ao longo dos poemas, trago um olhar profundo sobre a nossa história, celebrando nossa ancestralidade, nossa força, nossa resistência e, claro, nossa beleza. Cada palavra aqui escrita é um reflexo das experiências de uma vida que, apesar das adversidades, carrega consigo uma imensa carga de orgulho e esperança.

O racismo, que tenta mostrar que os negros não merecem respeito, não é um obstáculo insuperável. Somos um povo de conquistas, de luta e de resistência. Neste livro, busco mostrar que, apesar de todos os desafios impostos pelo sistema, somos especiais, somos poderosos e temos uma importância imensurável para a sociedade, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro.

Quero destacar a beleza de ser negro, nossas vitórias e a importância do nosso legado, que continua a impactar as gerações futuras.

A escrita sempre foi minha paixão, e ao longo dos anos, ela se tornou não apenas uma forma de expressão, mas uma ferramenta de resistência. Mesmo sendo estudante de engenharia, sempre soube que a minha missão não estava apenas em construir máquinas, mas também em tocar os corações das pessoas. A engenharia e a escrita, duas paixões que andam lado a lado em minha vida, têm um objetivo comum: transformar realidades e inspirar mudanças. Através da poesia, quero provocar reflexão, despertar sentimentos e fazer com que as pessoas se enxerguem, se reconheçam e se mobilizem.

A minha vida, minha trajetória, minhas experiências e minha luta diária como negro no Brasil são os alicerces deste livro. *O Futuro é Preto* não é apenas uma coleção de versos; é um chamado para que, juntos, possamos construir um futuro mais justo, mais igualitário e mais livre. É uma afirmação de que a nossa identidade, nossa história e nossa cultura são valiosas, e que, como negros, merecemos ocupar nosso lugar de destaque no mundo.

Neste livro, trago um olhar sobre o presente, mas também sobre o futuro. Um futuro que é nosso, que é negro, que é belo e que, mesmo diante de todas as adversidades, será sempre iluminado pela nossa força, resistência e beleza. Através de cada verso, espero que você, leitor, sinta o peso e a leveza de nossas vitórias, das nossas lutas, e que, assim como eu, possa se sentir inspirado a continuar a jornada, porque, de fato, o futuro é preto, e ele é lindo, belo e invencível.

Ao escrever estas páginas, espero tocar os corações, provocar reflexões e inspirar ações. Que cada palavra, cada verso, ecoe nas mentes e nos corações de todos que acreditam que, juntos, podemos construir um futuro de respeito, igualdade e justiça para todos.



I.

**ORIGEM E
ANCESTRALIDADE**

A origem do povo negro é marcada por uma profunda ligação com a terra, com a história e com uma cultura que, apesar dos séculos de opressão e tentativa de apagamento, permanece viva e forte. Nossos ancestrais vieram para o Brasil de diversas regiões da África, um continente rico em diversidade, tradições e sabedoria. A partir de suas terras, cruzaram oceanos, atravessaram mares, carregando consigo não apenas suas raízes, mas também a resistência, a força e os saberes que, mesmo diante da escravidão e da colonização, foram passados de geração em geração.

Cada povo negro carrega dentro de si uma herança imensa, uma cultura vibrante que se reflete na música, na dança, na espiritualidade e na história de resistência. A ancestralidade negra é, acima de tudo, um legado de luta, de superação e de sobrevivência. Cada elemento da nossa cultura, cada valor transmitido ao longo dos anos, é um lembrete de que nossa história não começou com a escravidão, mas com a grandeza dos nossos reinos, impérios e civilizações que existiram muito antes de sermos forçados a cruzar os oceanos.

Nossos nomes, nossa música, nossa dança, nossa arte e, acima de tudo, nossa pele, são símbolos dessa herança. A ancestralidade negra é um elo com o passado que nos fortalece no presente e nos guia para o futuro. Carregamos, na memória de nossos corpos, a sabedoria de milhares de gerações, e é essa memória que, através da nossa cultura e resistência, nos permite seguir em frente, cada vez mais orgulhosos de nossa origem, mais cientes da nossa identidade e mais determinados a conquistar nosso espaço no mundo.

Neste primeiro bloco de poesias, celebramos as raízes que nos formam, as vozes que nos guiam e as memórias que nos fortalecem. Aqui, falamos sobre a origem de um povo que, desde o primeiro sol, tem uma história de luta e de força, e que, apesar de todas as adversidades, continua a brilhar.

Faça essa viagem comigo pelo mundo da poesia!

O PRIMEIRO SOL

Antes do brilho dos olhos brancos,
Nos campos vastos de Moçambique,
Nos rios do Nilo e nas savanas do Sahel,
O primeiro sol nasceu, anunciando o princípio.

Era a terra negra que se estendia,
Guardando sob sua pele as sementes do mundo,
Onde o vento sussurrava a liberdade,
E os tambores de Mali ecoavam pelo horizonte.

O primeiro sol iluminou os campos de ouro,
Onde as palmeiras se erguiam, orgulhosas,
E as águas do Zambeze refletiam a bravura,
Dizendo ao céu que um povo de coragem se levantava.

Nas montanhas de Angola, na planície do Kwando,
Onde a terra é fértil e o sol incide com força,
Ali nasceu a força da resistência,
Com raízes tão profundas quanto o Congo e o Okavango.

O primeiro sol não apenas aqueceu,
Ele representou a resistência, a origem,
A luz que iluminava as memórias de nossa terra,
Mostrando ao mundo que a liberdade estava dentro de nós.

O sol foi testemunha das histórias não contadas,
Das lutas nas planícies de Luanda,
E das vitórias que ecoam desde o passado,
Daqueles que resistiram no silêncio, sem se render.

O primeiro sol sempre será um símbolo,
Da luta incansável dos filhos da terra,
Que, como a aurora, se ergueram para brilhar,
E por mais que a noite queira se alongar,
Eles são luz que jamais se apaga.

O sol brilha agora sobre o continente,
Refletindo o poder de nossas raízes africanas,
E a cada passo, a cada luta, a cada vitória,
Nós, filhos do primeiro sol, seguimos a brilhar.

VOZES DA TERRA

A terra canta em silêncio, mas sua voz é clara,
Nas colinas de Cabo Verde, no deserto do Saara,
Ela guarda em suas fendas as histórias de um povo,
Que resistiu às correntes e ao silêncio imposto.

Do coração da África, do reino do Zulu,
Vozes ecoam, narrando um legado de força,
Nas palmeiras de Angola, nas pedras do Senegal,
A terra fala, e suas palavras são eternas.

Nas margens do Congo, a terra murmura o sofrimento,
Mas também celebra a força de cada batalha vencida,
Cada luta travada, cada passo dado,
São vozes que se erguem do solo, enraizadas e firmes.

Nos campos de Uganda, na floresta do Gabão,
O som das vozes se mistura ao vento,
Elas dançam nas folhas e cantam nas águas,
Pois a terra nunca se esquece de quem nela vive.

As vozes da terra não se calam,
Elas falam de resistência, de coragem, de vitória,
Elas estão nos campos de milho em Moçambique,
Nos rios que cortam as savanas da África.

E em cada passo dado sobre essa terra sagrada,
O eco das vozes ressurge, forte,
Mostrando ao mundo que a África é viva,
Que as vozes da terra jamais serão pagadas.

A cada geração, as vozes se multiplicam,
Carregadas de sabedoria, de luta e de amor,
Elas continuam a cantar, a resistir, a triunfar,
Pois a terra africana nunca deixará de falar.

O CHAMADO DOS ANCESTRAIS

Quando o vento sopra forte nas montanhas de Angola,
Ouço o chamado dos ancestrais,
Não é apenas uma voz, mas um sussurro profundo,
Que ecoa na alma e nas raízes do meu ser.
Eles falam através dos passos que dou,
Na força de cada movimento, na luta diária,
Nos dias de sol e nas noites de escuridão.

É o chamado que vem das terras de Moçambique,
Dos campos de milho que crescem sob o sol quente,
Onde o suor derramado é feito de coragem,
Onde cada grão que brota é uma promessa cumprida,
Lá onde os rios serpenteiam com a sabedoria do passado,
E as árvores antigas guardam as histórias de um povo.
Eles nos chamam para lembrar que somos feitos de terra,
Que somos herdeiros de um povo que nunca se entregou,
Que nossa luta é eterna, mas também é cheia de glórias.

Nas águas do Congo, nas palmeiras de Luanda,
Sinto o peso do chamado, que pulsa como o coração da terra.
Ele está na dor e na alegria, nas batalhas e nas vitórias,
Na força que nos levanta quando caímos,
Na resistência que nos mantém firmes diante do mundo.

O chamado está nas mãos calejadas de um trabalhador,
Nos olhos de uma mãe que nunca abandona seus filhos,
Nos passos de quem busca justiça, com coragem no peito.

O chamado é claro nos olhos da minha mãe,
Na sabedoria que carrega e que passa de geração em geração.
É o sorriso de um irmão, que carrega em si a esperança
De um futuro melhor, mais justo, mais digno.
Os ancestrais falam através da nossa coragem,
A cada passo dado, a cada ação de resistência.
E assim, o chamado continua,
Em cada suor, em cada lágrima, em cada sorriso,
Pois os ancestrais não se calam,
Eles estão em nós, em nossos corações,
E nos guiam, nos lembram da nossa força
E da missão de seguir em frente,
Sem esquecer a nossa origem, nossa história.
O chamado dos ancestrais nunca será esquecido.

SANGUE QUE CONTA HISTÓRIAS

O sangue que corre em minhas veias não é apenas líquido,
É o peso das cicatrizes de uma história marcada pela dor,
É o sangue derramado nas guerras, nos campos de batalha,
Na luta contra os invasores, nas terras de África,
Nas montanhas, nas savanas, no coração de um continente,
Onde nossos irmãos caíram, mas não foram esquecidos.

Cada gota de sangue que se perdeu nas lutas da colonização
Carrega as lágrimas de mães que perderam seus filhos,
Carrega os gritos de homens que resistiram com coragem,
Carrega as marcas da dor, mas também a força do espírito,
De um povo que se levantou contra um sistema cruel,
E que nunca deixou que a esperança morresse,
Mesmo quando o chão estava ensanguentado.

O sangue derramado nas guerras não é apenas dor,
É um testemunho de resistência, de coragem infinita,
É a memória das batalhas que travamos por liberdade,
Pelas nossas terras, pela nossa cultura, pela nossa dignidade.
Esse sangue é o elo que une cada filho de África,
Que nos conecta, que nos lembra da nossa origem,
Que nos chama a continuar, a resistir, a lutar,
Mesmo diante das dificuldades que ainda enfrentamos.

O sangue que corre em minhas veias é, portanto, sagrado,
Ele nos pertence, ele é a herança dos nossos ancestrais,
Dos que deram suas vidas para que hoje pudéssemos viver,
Para que hoje pudéssemos caminhar com cabeça erguida,
Com a força de quem sabe de onde vem e o que representa.
Esse sangue não foi perdido em vão; ele é a nossa força,
É a nossa memória, e a nossa luta ainda continua.

O sangue que foi derramado em nome da liberdade,
É o sangue que nos move, que nos lembra a cada dia
Que somos filhos e filhas de um continente que nunca se
esquece,
E que, mesmo nas cicatrizes da história, seguimos firmes,
Com a certeza de que, ao final, a vitória será nossa.
E o sangue dos nossos ancestrais será sempre lembrado,
Com honra, com orgulho, com a certeza de que sua luta
vive em nós.

O NOME QUE CARREGO

O nome que carrego é mais do que uma palavra,
É um símbolo de nossa luta, de nossa história,
É a voz dos que resistiram, que não se calaram,
Que, nas sombras da opressão, ainda brilharam.
Este nome não é só meu, é de todos que vieram antes,
De pais, avós, tios e irmãos,
É o grito da terra, o suspiro do vento,
A memória que jamais será esquecida.

Carregar este nome é viver a herança da resistência,
É recordar as dores e os sacrifícios,
Mas também as vitórias que marcaram cada passo,
Que moldaram nosso caráter e nossa existência.
O significado do meu nome vai além da tradução,
Ele é a força da terra que nunca se dobra,
Ele é o reflexo da cultura que nunca se apaga,
E o lembrete de que, não importa o que digam,
Nossa identidade é inviolável,
E a nossa essência jamais será desfeita.

Viver de acordo com o nome que carrego
É carregar o peso de uma história de luta,
É ser a voz de quem foi silenciado,
É ser a esperança de quem nunca se entregou.
É estar firme diante do preconceito,
E ter orgulho de cada passo, cada conquista,
Pois sei que, ao viver esse nome,
Estou honrando meus ancestrais e meu povo.

Esse nome é um pacto com o passado,
Uma promessa de que nossa história será sempre lembrada,
E que, ao viver de acordo com ele,
Estou contribuindo para o futuro de uma geração
Que também carregará o peso dessa responsabilidade.
Este nome, que resiste ao tempo e ao esquecimento,
É o grito de uma África que nunca se rende,
E que vive em cada um de nós,
Como a chama que nunca se apaga,
Que nunca se apaga, e nunca se extinguirá.

O SOM DO TAMBOR

O tambor ressoa nas montanhas de Angola,
Ecoa nos campos verdes da África do Sul,
Canta o ritmo da alma, a pulsação da terra,
Cada batida carrega a memória de um povo,
Que, mesmo distante, jamais se esqueceu da sua essência.
Quando o tambor bate, o coração de África bate,
Ele é o elo entre o passado e o presente,
O que foi esquecido, o tambor traz à tona,
E o que está por vir, o tambor também anuncia.

O som do tambor é um chamado ancestral,
É o grito dos que foram silenciados,
Mas que, na batida, continuam a viver,
É a chama da resistência que nunca se apaga.
De Angola ao Cabo, da Etiópia ao Senegal,
Cada tambor que soa carrega uma história,
Ele é o símbolo de nossa herança,
E da força de quem jamais se entregou.

A cada batida, sentimos os pés que dançam,
Os braços que se levantam em celebração,
Não é apenas música, é vida, é revolução,
O tambor é o eco do sangue que foi derramado,
Mas também é a melodia das vitórias conquistadas.
Nosso sangue se mistura à terra,
E o tambor nos lembra que somos invencíveis,
Pois, quando nos unimos ao som do tambor,
Nada pode nos quebrar, nada pode nos deter.

Nos campos de Angola, nos bairros da África do Sul,
O tambor bate, trazendo alegria e liberdade,
Com ele, celebramos a vida, a união,
Com ele, resistimos, nos erguemos diante do opressor.
O tambor é nossa herança, nossa força, nossa voz,
Ele ecoa nos ventos da África,
E nunca se apagará,
Porque ele é a batida do coração de um continente,
E nós, como seus filhos, continuaremos a dançar.

PELE DE ÉBANO

Minha pele é de ébano, negra como a noite,
Forjada nas estrelas, tingida no fogo,
É a marca de um povo que se ergue,
E que, embora ferido, nunca se deixou destruir.
Cada célula que compõe minha pele,
Carrega a memória de mil gerações,
Ela é a sombra suave das noites africanas,
Onde o luar dança com a força do vento,
Onde a beleza é marcada pela resistência,
E o orgulho se reflete em cada tom profundo.

Pele de ébano, resistência em cada tom,
No brilho da melanina, encontro minha força,
Cada marca, cada linha que a vida deixou,
É história, é honra, é passado e futuro.
Não me envergonho da cor que carrego,
Pois ela é um reflexo de um legado imortal,
É o sol da África, é a terra que me alimenta,
É o grito de liberdade que grita em mim.
No calor do deserto, no frescor da floresta,
Minha pele é terra que floresce,
É oceano que desafia as tempestades,
É montanha que se ergue ao céu.

Em cada centímetro, há uma batalha vencida,
Há uma vitória cantada,
Há um grito de orgulho que ressoa,
E a cada passo, o mundo reconhece,
Que a pele negra não é fraqueza,
Mas a essência de um povo invencível.

Às vezes, dizem que minha pele é um peso,
Mas eu vejo nela o peso da história,
O peso da resistência, o peso do amor,
Que nos une e nos torna eternos.
Minha pele é de ébano, negra como a noite,
E eu a carrego com orgulho,
Porque nela está o sangue dos meus ancestrais,
E nela está o sangue de minhas raízes,
Que me conecta ao passado e ao futuro,
Pois sou a beleza que nasce da resistência,
E o orgulho que o mundo ainda precisa conhecer.

RAÍZES FUNDAS

Nossas raízes são profundas,
Enraizadas na terra fértil de África,
Desde os campos dourados de Angola,
Às florestas densas de Moçambique,
Das serras do Senegal até o coração do Egito,
Em cada pedacinho da terra mãe.

Não importa o país,
Se somos de Camarões, Nigéria,
Ou da África do Sul ou Gana,
Todos somos filhos da mesma árvore,
Com raízes que se espalham por todo o continente.
Somos os ramos da árvore que nunca se quebra.

Nossas raízes se entrelaçam na história,
Carregam o peso dos séculos,
Da resistência, das dores e das lutas.
A terra mãe viu nossos passos firmes,
Nos campos onde lutamos pela liberdade,
No mar onde a dor das viagens sem fim ecoa.

De cada pedra que tocamos,
Surgem memórias que não se apagam.
A dor do passado, o grito do povo,
São marcas que nos fortalecem,
Como as raízes que se aprofundam,
Para que a árvore continue a crescer.

E não importa o que tentaram nos tirar,
Não importa onde a vida nos levou,
Se para o Brasil, para a Europa ou para o Caribe,
Nós, filhos de África, seguimos sendo parte
Dessa grande árvore que nunca morre.

Raízes que são mais fortes do que qualquer corrente,
Mais profundas que qualquer dor,
Nos alimentam com a sabedoria dos ancestrais,
Com a força da luta que nunca se acaba,
E com a esperança de que somos eternos,
Que nosso povo vive, cresce e floresce
A cada geração que se ergue em nossa terra.

MEMÓRIAS DA TRIBO

Nos olhos de cada ancião,
Vive a memória das nossas tribos,
Das terras onde os ventos cantam histórias,
E os rios contam segredos da ancestralidade.
Cada curva do corpo negro guarda um conto,
Cada passo na terra carrega uma lenda,
E cada nome dito ao vento é um eco do passado.

Nos caminhos que percorremos,
Vibram as vozes que nos precederam,
Ecoando nas noites estreladas,
Como o som de tambores que chamam à memória.
Cada batida é uma lembrança de resistência,
Cada ritmo é a pulsação da nossa alma.

As memórias da tribo não se perdem,
Elas vivem nas músicas, nas danças,
Nos cantos entoados ao redor da fogueira,
Nos gestos que atravessam gerações.
São as histórias de luta e de vitória,
De amor pela terra, pela vida,
E pela liberdade que nunca deixou de ser sonhada.

Na memória da tribo,
O passado e o presente se entrelaçam,
Não há fronteiras, não há separação,
Somos uma nação que resiste à dor do tempo.
Em cada guerra travada,
Em cada lágrima derramada,
Nos levantamos como um só povo,
Porque nossas memórias não se apagam,
Elas são a força que nos mantém de pé.

O fogo da tribo arde forte,
Iluminando o futuro, aquecendo a alma,
Lembrando que, apesar das dificuldades,
A tribo sempre se renova, sempre ressurge.
E o eco das nossas memórias
Continuará a soar, forte e vibrante,
Atravessando as fronteiras do tempo.

CAMINHOS TRAÇADOS PELO TEMPO

O tempo, como um rio eterno,
Desenha caminhos sobre a terra,
E nós, filhos da África, seguimos essas trilhas,
De passos marcados por nossas raízes,
Firmes, na luta pela liberdade, pela identidade.

Nos campos de Senegal,
Nos desertos do Saara,
Nos montes da Etiópia e nas planícies do Níger,
O suor da nossa história se mistura à terra,
Onde as sementes da nossa resistência foram plantadas.
Cada pedacinho de solo carrega o peso
Das batalhas que nos tornaram o que somos:
Força, resistência, dignidade.

Nas savanas de Angola,
Nos morros do Congo,
Nos campos da África do Sul,
Em todos os cantos de nossa pátria,
Nosso sangue corre na terra, como um rio de memória,
Onde nossos ancestrais lutaram e morreram,
Mas deixaram suas marcas, que hoje são a nossa força.

O tempo, com seu poder silencioso,
Reflete-se nas paredes das antigas cidades,
Nas ruínas de civilizações que resistem ao esquecimento,
Nos templos do Egito, nos muros da Carthago,
Em todos os povos que floresceram e caíram,
Mas sempre renasceram, em cada geração.

O caminho que trilhamos é longo e tortuoso,
Mas é o nosso caminho, marcado por nossas conquistas.
Do Congo à Nigéria, da África do Sul ao Zimbábue,
De Angola ao Marrocos, cada passo dado,
Nos leva mais perto da verdade:
Somos filhos de um continente que nunca se curva.

O tempo nos ensinou que a luta nunca é fácil,
Mas o legado dos nossos ancestrais
Nos guia, nos fortalece, nos ilumina.
E, mesmo diante das adversidades,
Sabemos que o futuro é nosso,
Porque os caminhos que traçamos hoje
Serão os que nossos filhos seguirão amanhã.

E enquanto o sol se põe e o tempo avança,
Continuaremos a marchar,
Com os olhos voltados para o horizonte,
Onde nossa história nunca será apagada.
Caminhos traçados pelo tempo,
Caminhos de coragem, de luta, de vitória.



II.

RESISTÊNCIA E LUTA

A história do povo negro é marcada pela dor, mas também pela força. Desde os primeiros grilhões que prenderam nossos corpos até às correntes invisíveis que ainda tentam nos sufocar, a resistência sempre foi o alicerce da nossa existência.

Nos navios negreiros, lutamos com o olhar. Nos quilombos, com os pés firmes na terra. Nos campos de batalha, com sangue e suor. Nas ruas, com vozes erguidas e punhos cerrados. A resistência negra nunca foi passiva. Ela queimou nas chamas da Revolta dos Malês, ecoou nos tambores de Palmares e marchou nos passos firmes de quem nunca aceitou a opressão como destino.

Mas a luta não ficou no passado. Hoje ela está nos protestos contra a violência policial, na luta por representatividade, na ocupação de espaços que tentaram nos negar. Está na arte, na política, na educação e em cada ato de coragem que desafia o racismo estrutural.

Este capítulo é um grito que atravessa o tempo. Um tributo aos que vieram antes, um chamado para os que seguem na caminhada. Porque resistir não é apenas lembrar – é continuar.

Venha comigo. Vamos ler juntos poesias que contam histórias que ouvi, situações que testemunhei e vivências que marcaram nossa caminhada. Cada verso é um pedaço dessa luta, um reflexo da resistência que nunca se apagou.

CORRENTES INVISÍVEIS

Eles dizem que somos livres,
mas as correntes nunca se partiram.
Não rangem como ferro nos tornozelos,
mas apertam no olhar que nos julga.
Caminho pelas ruas e sinto o peso,
o sussurro de quem atravessa a calçada,
a mão que segura firme a bolsa,
o silêncio que nega meu nome na vaga.

Na escola, nos ensinam a história
sem os nomes que nos pertencem.
Heróis de pele clara enchem os livros,
enquanto os nossos são sombras esquecidas.

No trabalho, nos pedem experiência,
mas negam a chance de começar.
Nos corredores frios das empresas,
somos poucos, sempre vigiados,
sempre à beira de provar
o que outros já recebem sem questionar.

No tribunal, a balança pesa desigual.
Nossa pele se torna sentença,
nossa cor, um crime não cometido.
O mesmo erro tem penas diferentes,
a justiça, cega para uns,
mas de olhos bem abertos para nós.

Na política, dizem que temos voz,
mas nossos gritos são abafados.
Nos palácios e plenários,
decidem por nós sem nos ouvir,
como se liberdade fosse dádiva
e não um direito roubado.

São eles que não brilham ao sol,
mas sufocam como os grilhões de outrora.
Nos cercam em muros invisíveis,
nos prendem em jaulas sem grades.
Dizem que o tempo curou as feridas,
mas as cicatrizes ainda sangram.

GRITOS NA MADRUGADA

Na calada da noite, um grito rasga o silêncio,
ecoando por avenidas onde o medo ainda mora.
São os gritos de quem não aceitou ser invisível,
de quem, com cada passo, afirma sua existência.

Na madrugada, a dor se transforma em resistência,
nas praças, nas ruas, onde se grita por justiça.
São os que se levantaram nas décadas passadas,
que enfrentaram os espancamentos e as correntes,
que marcharam, descalços, por direitos negados.

O grito ecoa nas noites quentes de protesto,
quando se ergueram os punhos por igualdade,
quando jovens desafiaram o sistema,
e a polícia não soube mais controlar a força
de uma revolta que já vinha de gerações.

E hoje, ainda ressoam os gritos de quem pede
um lugar na mesa, um espaço na memória,
de quem exige o fim da violência imposta
e a reparação das dores do passado.

São os gritos nas ruas onde o asfalto se queima,
os corpos que caem, mas não são esquecidos.
São os olhos que se levantam, desafiando os olhares
de quem ainda tenta nos silenciar.

O grito que surgiu em passeatas de resistência,
nas noites em que a esperança parecia se apagar,
ainda pulsa nos que gritam contra a opressão,
pelos que tombaram, pelos que ainda respiram.

Na madrugada, o povo negro nunca se cala,
seus gritos são os passos de uma luta que não termina.
Os ecos do passado seguem na luta presente,
pois a luta é constante, a revolução nunca dorme.

Na madrugada, somos todos um só grito,
porque cada noite nos ensina a não esquecer.

O PESO DA HISTÓRIA

O peso da história é mais que memória,
ele é a herança das gerações que nos precederam.
É o fardo que vem com o suor derramado nas plantações,
com as mãos que construíram impérios sem serem reconhecidas.

Nas cicatrizes da pele, a dor não cicatriza;
o peso do açoite ainda pulsa nas ruas,
na revolta daqueles que se cansaram do silêncio
e ergueram os punhos contra o sistema que os oprimiu.

Ainda que o tempo tenha passado,
os gritos do passado não se dissiparam.
Eles se manifestaram em marchas históricas,
quando os corpos se levantaram contra a opressão,
nas praças e avenidas onde a resistência tomou forma.

Foram as palavras daqueles que disseram “basta”
e exigiram o direito à liberdade, à educação,
à participação em uma sociedade que os ignorava.
O peso das gerações passadas estava nas mãos
que ergueram cartazes e protestos
contra um sistema que ainda negava dignidade.

Esse peso se transformou em força,
nos passos firmes daqueles que se uniram
para questionar as correntes que ainda existiam,
nas marchas de libertação e nas revoltas populares
onde o desejo de justiça não podia ser silenciado.

O peso da história está nas vidas de quem resistiu,
nos que quebraram as correntes, mesmo sem saber
se a luta de ontem seria ouvida hoje.
Ele ainda nos molda, nos impulsiona,
porque a memória dos que resistiram nunca se apaga.

Hoje, ainda carregamos esse peso.
A história não é só lembrança: é combustível.

CICATRIZES QUE FALAM

Cada cicatriz carrega uma história não dita,
uma marca da dor que não se apaga.
Elas falam de uma luta que foi travada
em tempos de medo, mas também de resistência.
Marcas da pele, testemunhas do sofrimento,
mas também do poder que vem de sobreviver.

Essas cicatrizes não são apenas feridas abertas,
são forças que se transformaram em determinação.
Elas falam de um povo que jamais se deixou dobrar,
que encarou o açoite e ainda assim seguiu em frente,
que enfrentou a violência e nunca desistiu
de gritar por seus direitos.

Na pele, as cicatrizes falam das noites sem fim,
dos gritos abafados, dos corpos espancados,
mas também das mãos erguidas,
dos passos firmes nas ruas e praças,
onde a voz do negro jamais se calou,
mesmo quando tentaram apagá-la.

Cada cicatriz é um lembrete de resistência,
uma força que ressurge das gerações
que carregaram o peso da escravidão,
da opressão e do racismo institucional.
Elas falam de um povo que não se esqueceu
da sua luta, da sua história, e que, mesmo
nas adversidades, encontrou força para seguir.

Hoje, essas cicatrizes nos moldam.
Elas afetam nosso presente,
mas não nos definem.
Elas nos ensinam a não ceder,
a lutar por um futuro mais justo,
onde nossas vozes não sejam mais silenciadas.

Essas cicatrizes falam da nossa determinação,
da nossa capacidade de resistir e de lutar,
porque, mesmo com todas as marcas,
somos invencíveis.

PASSOS DE REVOLUÇÃO

Cada passo é uma afirmação de vida,
uma pequena revolução contra o que nos limita.
São passos firmes que ecoam nas ruas de Angola,
nos campos da África do Sul, nas praças do Brasil,
onde a história de opressão foi desafiada
por aqueles que se recusaram a ser invisíveis.

Os passos da revolução não se medem em distância,
mas em coragem.
São passos dados por aqueles que se recusaram
a aceitar as correntes da escravidão,
por aqueles que marcharam nas ruas,
nos protestos e nas lutas por liberdade e igualdade.
Em Angola, os passos foram dados por aqueles
que enfrentaram a colonização e lutaram pela independência,
pelo direito de ser livre em sua própria terra.
Na África do Sul, os passos foram dados nas marchas de Soweto,
onde a juventude negra desafiou o apartheid,
levando sua voz ao mundo e gritando por justiça.
No Brasil, os passos foram dados nos quilombos,
nos movimentos negros que pediram dignidade,
lutando contra o racismo enraizado nas estruturas sociais.

Cada passo é parte de um movimento coletivo,
onde a força de um é a força de todos.
São passos que atravessam o tempo,
dos movimentos de resistência até as revoluções atuais,
em que a luta pela igualdade continua firme.
Cada passo é um grito de resistência,
um desafio às estruturas que tentam nos manter
fora dos espaços que nos pertencem.

Esses passos não param,
não retrocedem, não se cansam.
Eles são feitos de sangue, suor e determinação,
em África e no mundo,
onde a luta por liberdade e igualdade
continua sendo um caminho a ser trilhado.

CHÃO DE FERRO E LUTA

O chão é ferro, duro e frio,
mas é no frio que o fogo brilha mais forte,
quando a vida te testa,
é aí que o preto se destaca,
sem medo, sem fraqueza, sem choro.
O ferro não quebra, mas também não amedronta,
nosso sangue quente vai derreter essa prisão.

Chão de ferro, chão de luta,
foi aqui que aprendemos a levantar,
cada passo é uma batalha,
cada movimento é resistência,
não tem descanso, só revolução.
A cada grito ecoando,
as correntes do passado se partem,
quem disse que íamos ser quebrados?
Olha a nossa marcha, olha a nossa sede de liberdade.

Aqui, o negro não se curva,
a dor não define, a luta não é só história,
é agora, é na rua, no presente.
O ferro é frio, mas a alma é quente,
mesmo caindo, a gente se levanta,
levanta a cabeça, levanta o povo,
não estamos só, somos milhões.

O ferro que tentaram usar pra aprisionar,
a gente usa pra construir,
pra fazer a história, pra ser resistência,
pra fazer a voz ecoar no futuro,
não tem silêncio, não tem medo,
o ferro só é ferro,
mas nossa força é feita de gente,
de sangue, de suor, de luta.

Esse chão de ferro não vai nos derrotar,
nem as correntes, nem as pedras.
A gente transforma a dor em coragem,
o ferro vira ferro forte,
e a luta vira nossa história.

O RACISMO MORA AQUI

O racismo mora aqui, não tem segredo,
está na rua, no olhar, nos dados do enredo,
é o sistema que te vê de baixo,
te julga pelo tom da pele e não pelo seu espaço.
Ele mora no banco, no emprego, na escola,
nas palavras que cortam e não falam.
Na pele preta, a guerra começa antes de andar,
o mundo te diz “não” sem nem te escutar.

Ele está no lugar onde a gente não entra,
nas portas que se fecham, a alma lenta,
onde a cor é a marca da sentença,
não tem defesa, só violência.
Mas a gente não aceita, não,
vai quebrar essas correntes, essa prisão,
o racismo não vai nos calar,
vamos gritar, vamos lutar, não vamos parar.

Ele mora no governo, nas leis que não ajudam,
nos salários baixos, onde as promessas se mudam.
Na polícia, no seu olhar sujo,
nas câmeras que gravam, mas não mostram o furo.
Ele mora nos dados que excluem, nas estatísticas vazias,
mas nossa luta é a resposta para essa mentira.

Somos resistência, somos a voz que sobe,
não vamos mais aceitar, somos o povo que explode.
O racismo pode morar onde quiser,
mas nós, os negros, somos a revolução, e vamos vencer.
A nossa história não vai ser apagada,
nossos gritos não vão ser calados,
porque onde o racismo mora, a luta também mora,
e a gente não vai desistir, vai até a última hora.

Ele mora, mas a gente vai vencer.

HERÓIS SEM ESTÁTUAS

Nas vielas, no morro, onde a vida é difícil,
heróis sem estátuas, mas com um espírito indomável, difícil.
Na favela, no gueto, onde a luta é constante,
eles resistem, avançam, enfrentam o desafiante.
Sem nomes em placas, sem registros nas ruas,
mas seus passos ecoam, são forças que flutuam.

Em cada esquina, em cada rua de barro,
eles plantaram resistência, não pararam, não se deram ao abandono.
Com coragem, com luta, contra o opressor,
eram guerreiros anônimos, sem qualquer temor.
No silêncio das noites, onde o medo se encontra,
a voz da resistência nunca se desmonta.

Sem estatuária, mas com alma destemida,
fizeram história, deixaram a marca de vida.
Nos becos apertados, nas favelas esquecidas,
foram os que resistiram, mesmo sem ser vistos.
Cada passo dado, cada grito, cada luta,
foi uma pedra na estrada, uma voz que muta.

Eles não precisavam de holofotes, nem de ouro,
sua luta era pelo direito, por um futuro sonhado,
por um povo que clama.

Não tinham estátuas, mas sua essência é eterna,
foram heróis sem fama, mas com a alma moderna.

Nas praças que não os nomeiam, nas ruas que os ignoram,
são as figuras silenciosas que o povo lembra e adora.

Na resistência, na dor, nos gritos sem fim,
os heróis sem estátuas seguem vivos, estão dentro de mim.
Sua luta não foi em vão, nem os seus passos se perderam,
são aqueles que a história nunca esquecerá, pois em nossos
corações permaneceram.

CAMINHOS DE FERRO E CHIBATADAS

Caminhos de ferro, trilhas de dor,
os pés que marcharam, calados,
tremiam nas correntes da escravidão.
Era o som do aço, o grito da carne,
o cheiro do sangue na terra molhada.

Caminhos de ferro, mas também de coragem,
porque na dor germinou a resistência,
nos olhares de força, mesmo nas chibatadas,
nos gritos abafados pela opressão.
Ainda assim, o espírito não se quebra.

Eles disseram que o corpo seria preso,
mas não podiam aprisionar a alma,
não podiam calar a força da vontade.
O sangue derramado construiu raízes,
raízes que cresceram sob a terra quente,
raízes que resistem até hoje.
Cada chibatada deixava marcas,
mas o corpo negro, forjado na dor,
se ergueu, reescreveu a história.

Nas sombras da opressão,
surgiu a chama da liberdade,
acesa por aqueles que lutaram,
pelos que nunca se renderam.

Hoje, caminhamos sobre o chão
onde nossos ancestrais lutaram,
onde o suor, a dor, a luta se tornara
pedras fundamentais,
levadas por aqueles que nunca desistiram.

E o legado deles vive em nós,
nas nossas lutas diárias, nas nossas vozes,
nas nossas vitórias, nas nossas lágrimas.
Não somos o reflexo da dor,
somos a resistência que atravessa o tempo.
Caminhos de ferro e chibatadas,
mas também de força, de vitória,
de liberdade conquistada com sangue
e de um povo que nunca se esqueceu de sua essência.

LEVANTE

Levanta-te, filho do fogo e do tambor,
teu sangue carrega séculos de luta,
tua pele traz a marca dos que nunca se dobraram.
Eles quiseram apagar tua história,
mas cada batida do teu coração
ressoa como um tambor que não se cala.

Já tentaram acorrentar teus pés,
mas teus passos dançaram sobre a dor.
Te ergueram muralhas,
mas tu aprendeste a escalar.
Te empurraram para as sombras,
mas tua pele brilha como o sol.

No outro lado do oceano,
outros como tu se levantam,
desafiam o silêncio imposto,
marcham pelas ruas, gritam seus nomes,
reivindicam o que sempre foi seu.
Eles cantam, eles dançam,
transformam dor em revolução.

Nos becos estreitos, nos campos abertos,
nos mercados, nos salões de dança,
onde tentaram te esconder,
a chama nunca se apagou.
Teu corpo, que um dia foi açoitado,
hoje desfila com orgulho.
Tua voz, que um dia foi silenciada,
hoje é trovão que estremece o mundo.

E quando dizem que tua fúria é exagero,
responde com tua existência.
Quando tentam te sufocar,
responde com tua música.
Quando querem te dobrar,
responde com tua dança.

O levante não é um dia,
não é um ato, não é um instante.
O levante é eterno,
vive em cada corpo que se recusa a se curvar,
em cada sorriso que desafia o medo,
em cada negro que anda de cabeça erguida,
transformando sua história em vitória.



III.

**BELEZA
E ORGULHO**

A beleza negra é ancestral. É herança de reis e rainhas, de guerreiros e guardiões da cultura. Está na pele retinta e luminosa, que reflete o brilho do sol e carrega a história do mundo. Na melanina que resiste ao tempo, desafiando padrões, reescrevendo narrativas, afirmando-se como símbolo de orgulho e identidade. Está na textura dos cabelos crespos e cacheados, que se erguem como coroas naturais, moldados em tranças, dreads, afros, e infinitas formas de expressão.

A beleza negra está nos olhos, profundos como a noite estrelada, cheios de segredos, carregados de histórias que ultrapassam gerações. Está no sorriso largo, na boca carnuda que dá voz à resistência e ao afeto. No nariz forte, nas maçãs do rosto marcadas pelo tempo e pela origem. Nos corpos que dançam e celebram a vida, nos movimentos que expressam cultura e tradição.

Ser negro é ser obra-prima da natureza. É carregar traços que o mundo tenta imitar, mas que nunca poderá reproduzir com fidelidade. É caminhar sabendo que cada curva do rosto, cada tom de pele, cada fio de cabelo conta uma história de luta, superação e beleza.

Este capítulo é um tributo à estética negra. Um convite para mergulhar em versos que exaltam o orgulho de ser quem somos. Que cada poema inspire, fortaleça e encante. Que cada palavra seja um espelho, refletindo o esplendor da negritude. Deixe-se envolver por essas poesias, apaixonar-se por cada traço, cada tom, cada detalhe que faz da beleza negra uma força inegável. Porque ser negro é ser belo. Ser negro é ser orgulho.

A PELE QUE BRILHA

Minha pele, presente de Deus,
é como o brilho da estrela que aparece na noite escura,
um reflexo da vastidão do céu,
luminosa, única, imbatível.

É o ouro que repousa sobre a terra,
quente como o sol que banha as montanhas,
a suavidade da lua que acaricia as águas do rio,
tão profunda quanto os oceanos que se estendem até onde os
olhos não alcançam.

Cada tom, cada nuance,
é como o abraço da terra e do fogo,
a mistura perfeita de elementos que se unem para criar a
maravilha que sou.
A cor da minha pele é a cor da resistência,
a cor da sabedoria dos ancestrais,
uma chama eterna que nunca se apaga.

Meu corpo é templo de história,
e a minha pele, o altar sagrado.
É a cratera de um vulcão,
que irradia poder e beleza,
é a noite que guarda os segredos das estrelas,
o campo onde a liberdade floresce.

Minha pele não é mera aparência;
ela carrega séculos de lutas,
o suor dos que vieram antes,
o sacrifício dos que sonharam com um futuro melhor.

Como a terra que cobre os continentes,
minha pele acolhe, protege, nutre.
É a cor das sementes que germinam no solo fértil,
prontas para se tornar árvores fortes,
raízes profundas, folhas que dançam com o vento.

E quando o mundo olha para ela,
é impossível não ver o esplendor da criação,
porque a minha pele é um presente divino,
uma obra-prima da natureza,
que se orgulha de ser, acima de tudo, negra.

CRESPOS COMO COROAS

Meus cabelos crespos são coroa,
não se curvam aos padrões de um mundo estrangeiro,
são coroas de reis e rainhas africanas,
dignas de se erguer como montanhas de majestade,
firmes como os baobás, que abraçam o céu da África,
inabaláveis, orgulhosos, eternos.
Cada fio carrega o vento das savanas,
a força das terras ancestrais que nos formaram,
como a dança dos guerreiros que nunca se rendem,
como o tambor que ecoa nas aldeias,
onde a história se perpetua em cada batida,
reconhecendo nossas raízes em cada movimento.

Meus cabelos crespos não são apenas fios,
são raízes que se estendem como as grandes caravanas,
que cruzaram o deserto e chegaram até mim,
são as palmeiras altas da costa Africana,
que se dobram, mas não quebram,
como os rios poderosos que correm pelo continente.

Eles são a lã dos camelos das planícies,
o algodão suave que nasceu nas terras quentes,
o ouro escondido sob a terra de ouro,
um presente de Deus que brilha com a luz das estrelas,
do continente que nos viu nascer,
um reflexo da força de nossa cultura.
Cada cacho é uma história contada ao vento,
um eco dos avós que caminharam sobre as dunas,
o reflexo do sol que aquece o Saara,
e da lua que ilumina os caminhos da liberdade.

Meus cabelos crespos são coroas,
de um império que nunca se perdeu,
são a força de uma África viva em nós,
orgulhosa, resistente, eterna.
E quando o mundo olhar para nós,
que veja não só cabelo,
mas a alma de um continente,
a herança de um povo que nunca se apagou,
porque a nossa beleza é um presente
que Deus nos deu para brilhar e nunca mais se esconder.

BOCA CARNUDA, SORRISO LARGO

Meus lábios são os tambores da África,
tocados pelo vento que sopra das savanas,
trazendo histórias de reis e guerreiras,
de povos que nunca se curvaram,
de vozes que ecoam além do tempo.

Minha boca carrega a doçura da fruta madura,
como os cajus colhidos ao pôr do sol,
como o suco da manga escorrendo nos dedos,
como o mel dourado que alimenta os deuses.
Nela, há um gosto de terra fértil,
do cacau colhido com mãos ancestrais,
do café negro forte como o espírito do meu povo.

Meu sorriso é largo como o Rio Congo,
serpenteando entre florestas e aldeias,
refletindo a luz do sol sobre suas águas.
Ele brilha como as estrelas do deserto,
como os olhos das mães que embalam o futuro,
como o fogo das fogueiras que guardam memórias.

Cada riso que escapa da minha boca
é um grito de liberdade que rompe o silêncio,
é a resposta de quem sobreviveu,
de quem transforma dor em resiliência,
de quem faz do sorriso um escudo,
de quem mostra ao mundo que a alegria também é luta.

Minhas palavras carregam segredos antigos,
entoam cânticos de celebração e saudade,
bordam poesia no ar como as mãos bordam panos coloridos,
como os griots que narram histórias sob a lua cheia.
Minha boca carnuda, meu sorriso largo,
não são apenas traços,
são heranças de um povo imortal,
são marcas de um continente que pulsa dentro de mim.

E quando o mundo olhar para mim,
que veja a África em meus lábios,
que veja um sorriso tão grande quanto a nossa história,
tão forte quanto a nossa essência, tão eterno
quanto o nosso legado.

OLHOS COMO NOITE ESTRELADA

Meus olhos são luas gêmeas,
brilhando no céu profundo da minha pele,
guardando segredos contados pelo vento,
histórias de reis e guerreiras,
narradas sob a luz das fogueiras ancestrais.

Neles, cabem todas as constelações,
as que guiaram os barcos de volta ao lar,
as que iluminaram trilhas de resistência,
as que brilharam nos olhos dos que lutaram
para que hoje eu pudesse enxergar.

São negros como a terra fértil do Nilo,
como as sombras das grandes baobás,
como o mistério das cavernas onde dormem os deuses.
Mas dentro deles há estrelas,
reluzindo como contas de um colar de marfim,
cintilando como grãos de areia dourada do Saara.

Meus olhos são espelhos d'água,
onde o passado se reflete e dança,
onde o presente se move como o mar,
onde o futuro brilha como o fogo sagrado.
Eles carregam os cantos das avós,
os conselhos dos griots,
as preces ditas ao amanhecer.

Quando choro, não é fraqueza,
é a chuva que irriga a terra,
é o rio que leva a saudade,
é o oceano que conecta continentes,
porque dentro de mim há memórias
que nem o tempo pode apagar.

E quando o mundo olhar nos meus olhos,
que veja a noite estrelada da minha ancestralidade,
que veja a luz de um povo que nunca se apagou,
que veja que, na escuridão dos meus olhos,
existe um universo inteiro.

DANÇA DOS POVOS

Meu corpo carrega séculos de ritmo,
meus pés dançam histórias não escritas,
minhas mãos desenham no ar os cantos dos ancestrais.
Dançar é mais que um movimento,
é um chamado, uma oração,
é um grito de liberdade que ecoa do passado ao futuro.

Das aldeias às grandes cidades,
dos becos das favelas aos palcos iluminados,
o corpo negro dança com orgulho,
celebrando a vida, a resistência, a beleza de ser quem somos.
No coração de Angola, o Kuduro ferve nas ruas,
ritmo pulsante que nasceu da luta,
energia que transforma dor em celebração,
passos rápidos, batidas que fazem o corpo vibrar.

Na África, danças como o Gwara Gwara da África do Sul,
o Sabar do Senegal, o Agbadza de Gana,
o Indlamu dos Zulus, ecoam através das gerações.
Cada passo é um tributo à terra, aos deuses, aos que vieram antes.

E no Brasil, onde o sangue africano corre forte,
o Samba balança os quadris com gingado e alegria,
a Capoeira desafia o tempo,
um jogo, uma luta, uma dança que nasceu da resistência,
um código secreto de liberdade escondido nos movimentos.
O Funk, com batidas que fazem o asfalto tremer,
vem dos guetos como um eco da favela,
grito de identidade, de empoderamento.

Dançamos porque somos resistência.
Dançamos porque carregamos a luz do sol na pele,
o brilho das estrelas nos olhos,
e a força de um continente em cada passo.
Que o mundo olhe e veja:
nossa dança é identidade,
é beleza, é orgulho,
é a certeza de que jamais nos apagarão.

MEU CORPO, MINHA HISTÓRIA

Meu corpo é um monumento,
esculpido pelo tempo, moldado pela força,
um testamento vivo da grandeza de um povo.
Cada traço meu é orgulho,
cada curva, um grito de beleza,
meu reflexo é a prova de que sou herança e futuro.

Minha pele brilha como o ouro do Mali,
como a noite estrelada sobre o Saara,
é luz e sombra, resistência e arte,
é um presente dos deuses,
uma cor que o sol beija com reverência.

Meus cabelos são raízes que tocam o céu,
crespos como a coroa de reis ancestrais,
trançados como mapas de fuga,
como histórias que dançam no vento.
Cada fio carrega um segredo,
cada cacho é um poema em espiral.

Meus olhos são luas gêmeas,
negros como a tinta que escreveu nossa história,
profundos como os oceanos que cruzamos,
repletos de memórias que ninguém apaga.

Meus lábios são grossos, carnudos,
desenhados para sorrir, para cantar,
para falar o que quiserem calar.
Eles carregam o gosto do dendê,
a doçura do mel colhido no quilombo,
a firmeza de quem não se curva.

Meus braços carregam a força dos que vieram antes,
as mãos que lavraram terras, que levantaram impérios,
que teceram tecidos, que construíram reinos.
Cada cicatriz é um símbolo de luta,
cada veia pulsa com o sangue de guerreiros.

Meu corpo dança, vibra, brilha.
No gingado da capoeira,
no balanço do samba e do Kuduro,
nas ruas, nos palcos, nas passarelas,
somos presença, somos identidade.

Quem vê minha pele vê história,
quem olha meus traços vê realeza.
Negro é força, é orgulho, é beleza.
E por mais que tentem apagar,
sempre seremos luz que ninguém apaga.

O CHARME DA MELANINA

A melanina é meu brilho natural,
minha essência, meu poder visível.
Ela é o fogo da terra,
a cor que conta minha história,
um tom profundo que é único no mundo.
Quando o sol toca minha pele,
ela reflete uma luz dourada,
como um amanhecer africano,
como a areia quente do deserto,
um charme que se espalha,
que é impossível não notar.

A melanina é poesia em forma de cor,
é arte que corre nas minhas veias,
é a pintura dos deuses,
desenhando minha identidade
com traços fortes e suaves,
que só quem é negro pode entender.

É o charme que traz à tona o orgulho,
que se carrega com a cabeça erguida,
sem vergonha de ser quem somos,
porque somos feitos para brilhar.

A melanina não é só cor,
é resistência, é coragem,
é a raiz de um povo que nunca se esquece
de onde veio.

Quando a luz incide sobre mim,
não vejo sombra, vejo um reflexo
de todas as batalhas que foram vencidas,
de todos os sonhos que nasceram
em nossos corações.

A melanina é o perfume da nossa história,
o charme que atravessa os tempos,
que se faz visível em cada sorriso,
em cada gesto, em cada passo dado.

Ela é o charme da minha pele,
é o reflexo do orgulho,
é a marca de quem somos.

E esse brilho, essa beleza,
é algo que ninguém pode apagar.

BELEZA QUE O MUNDO COPIA

Minha pele brilha sob o sol,
meu cabelo cresce forte e livre,
meus lábios desenham sorrisos largos,
meus traços contam histórias antigas.
Eu sou beleza que atravessa o tempo,
que resiste, que inspira,
mesmo quando tentam negar,
mesmo quando tentam roubar.

O mundo copia,
mas nunca alcança.
Nos desfiles, nos palcos,
nas revistas que antes nos negavam,
agora tentam recriar o que sempre fomos.
Lábios que antes ridicularizavam,
agora injetam para imitar.
Cabelos que um dia mandaram alisar,
agora viram moda nos salões.
Pele que um dia esconderam,
agora bronzeiam para parecer.

O mundo nos observa,
nos estuda, nos reinventa,
mas jamais entenderá o que significa
nascer com essa cor,
carregar essa herança.
Nossa beleza não é moda passageira,
é ancestralidade,
é um eco dos tambores que nunca silenciaram.

Quando andamos, o chão nos sente.
Quando falamos, o vento leva nossa voz.
Quando dançamos, o mundo aprende.
A batida do nosso corpo move continentes,
nossos traços são arte viva,
nossos passos são história em movimento.

Podem tentar copiar,
podem tentar moldar ao seu gosto,
mas a essência jamais será deles.
Nossa beleza é herança,
é chama que nunca se apaga,
é orgulho que ninguém tira.
E enquanto o mundo tenta nos imitar,
continuamos a brilhar,
seguimos sendo,
seguimos existindo,
seguimos lindos.

O SOL QUE ME BEIJA

O sol não me fere,
não me esconde, não me apaga.
Ele dança sobre minha pele,
desenhando reflexos dourados,
abraçando meu corpo com luz,
sussurrando histórias antigas.

O sol me beija com carinho,
desliza em minha melanina,
realçando o brilho que carrego,
como joia rara esculpida pelo tempo.
Ele conhece minha origem,
me reconhece no meio da multidão,
porque minha pele foi feita para brilhar,
nunca para temer sua luz.

Enquanto outros se escondem na sombra,
eu caminho sob seu calor,
com passos firmes, peito erguido,
sentindo a energia que pulsa em mim.
Cada raio é um lembrete:
eu sou forte, sou belo, sou herança.
Minha pele não precisa de proteção,
ela é proteção,
ela é escudo contra o esquecimento.

O sol me beija e sorri,
como se me visse como um reflexo,
como se soubesse que há fogo em minhas veias,
que há histórias no meu sangue,
que sou feito da mesma luz
que aquece a terra e dá vida ao mundo.

Deixe que falem de sombras,
deixe que temam o calor.
Eu sou filho da luz,
meu corpo carrega o dia em si,
e quando a noite chega,
minha pele brilha como estrela,
porque o sol nunca vai embora,
ele apenas dorme dentro de mim.
achou?

MINHA BELEZA NÃO PRECISA DE PERMISSÃO

Não preciso que digam que sou belo,
não preciso que aceitem meu reflexo.
Minha pele carrega o brilho do sol,
meus traços são marcas da história,
minha essência é feita de orgulho.

Não me encaixo em moldes,
não sigo regras inventadas,
porque a beleza que carrego
não foi feita para ser medida,
nem para ser explicada.

Tentaram me dizer o que é bonito,
tentaram me moldar ao seu gosto,
mas meu nariz largo respira liberdade,
meus lábios cheios falam verdades,
meu cabelo dança ao vento,
sem pedir licença para ser.

Minha pele não precisa ser clareada,
meus cachos não precisam ser domados,
meus traços não precisam de aprovação.
Porque sou belo do jeito que sou,
sem filtros, sem desculpas,
sem precisar de permissão.

Se um dia disseram que eu deveria mudar,
que meu tom era escuro demais,
que meu cabelo era selvagem demais,
hoje respondo com um sorriso:
minha beleza é minha,
e nunca estive à venda.

Não quero olhares que duvidam,
não quero mãos que tentam mudar.
Quero passos firmes,
vozes que ecoam,
consciência de quem sou.

Eu sou a definição da força,
sou o reflexo dos que vieram antes,
sou o orgulho dos que virão depois.
E enquanto o mundo tenta ditar padrões,
eu continuo sendo,
simplesmente,
belo.

Disseram que meu nariz era largo demais,
mas ele carrega o sopro da vida,
respira resistência, exala história.

Ele é a marca dos meus ancestrais,
que caminharam sobre a terra quente,
que enfrentaram ventos e tempestades,
mas nunca deixaram de seguir em frente.

Disseram que meus lábios eram grandes demais,
mas deles saem versos, sorrisos e revolução.
São portais de palavras firmes,
que contam histórias que o mundo tentou calar.
São lábios que beijam com verdade,
que cantam canções de liberdade,
que carregam a doçura da ancestralidade.

Disseram que meu cabelo era rebelde,
mas ele se ergue como coroa,
cresce forte como raízes que nunca se quebram.
Ele dança ao vento sem medo,
desafia a gravidade, abraça o céu.
Cada cacho, cada trança, cada fio
é um testemunho da minha grandeza.

Disseram que minha pele era escura demais,
mas ela brilha sob o sol,
carrega o ouro do passado,
o orgulho do presente,
a promessa do futuro.
Minha pele é noite estrelada,
é terra fértil, é mar profundo.
Ela não precisa ser clareada,
porque já nasceu perfeita.

Tentaram me fazer duvidar de mim,
tentaram esconder minha beleza,
mas ela sempre esteve aqui,
intocável, imensa, inegável.

Eu não preciso que aceitem,
não preciso que aprovem,
não preciso que copiem.
Minha beleza é minha,
minha identidade é orgulho,
e eu não peço permissão para existir.



IV.

**FUTURO
E ESPERANÇA**

O futuro sempre foi uma promessa distante, uma ideia moldada pelo presente e pelos ecos do passado. Ele carrega incertezas, possibilidades e, acima de tudo, a marca daqueles que ousam sonhar. Mas e se olharmos para o futuro não como algo que simplesmente acontece, mas como algo que construímos com nossas próprias mãos? Para nós, povo preto, o futuro nunca foi dado — ele sempre foi conquistado.

O que ele nos reserva? Depende de nós. Depende do que escolhemos plantar agora, das histórias que contamos, das lutas que não abandonamos e das vitórias que nos recusamos a esquecer. O futuro não é uma página em branco, mas uma história escrita com tinta preta—forte, intensa e impossível de apagar.

E a esperança? O que ela significa para nós?

Esperança não é esperar. Esperança é resistir. É enxergar um amanhã onde antes só havia negação. É continuar mesmo quando o caminho é árduo, quando a história tenta nos reduzir ao silêncio. Esperança é olhar para o espelho e ver, refletida em nossa pele, a herança de reis e rainhas, de guerreiros e sábios. Esperança é saber que cada passo que damos ecoa nas gerações futuras.

Nessa última seção do livro, cada poesia é um reflexo do que vejo, do que sinto e do que acredito. São palavras que emergem da minha ancestralidade e se projetam no amanhã. São versos que falam de dor e superação, de resistência e liberdade. É um convite para você, leitor, mergulhar nessa jornada comigo.

O futuro já tem cor, voz e identidade. O futuro é preto. E ele começa agora.

O FUTURO É PRETO – 1

O futuro tem cor, tem história, tem nome.
Não é uma promessa vazia, não é um talvez.
Ele carrega o peso de quem veio antes,
o brilho de quem resiste, a força de quem não se rende.

O futuro é preto.

E está nas salas de aula, onde ocupamos cadeiras
que um dia nos foram negadas,
nos livros que escrevemos,
nas teses que defendemos com orgulho.
Estamos nas ciências, nas artes, na tecnologia,
provando que o conhecimento sempre foi nosso,
mesmo quando tentaram arrancá-lo de nossas mãos.

O futuro é preto.

E está na política, onde ergueram barreiras
para nos impedir de decidir nosso destino.
Mas hoje, ocupamos espaços de poder,
mudamos leis, viramos referência.
Somos juízes, ministros, presidentes,
líderes que não baixam a cabeça,
que falam por nós e pelos que ainda virão.

O futuro é preto.

E está nas ruas, nos coletivos,
nos movimentos que se recusam a aceitar o silêncio.
Transformamos dor em força,
transformamos luto em luta,
transformamos exclusão em presença.

O futuro é preto.

E está nos nossos lares,
onde criamos filhos que sabem o próprio valor,
onde ensinamos que a cor da pele
não é um limite, mas um legado.
É nas empresas que construímos,
nos sonhos que realizamos,
na riqueza que geramos apesar de um sistema
que sempre quis nos manter à margem.

O futuro é preto.

E não há racismo ou preconceito que possa detê-lo.
Ele cresce na voz dos que antes foram calados,
nas mãos que constroem,
nos sonhos que ninguém mais pode roubar.

O futuro é preto.

E ele chegou para ficar.

O FUTURO É PRETO – 2

O futuro já não é mais uma sombra incerta
que paira distante, inalcançável.
Ele tem rosto, história e nome;
ele é esculpido em melanina e resistência,
forjado na fornalha da ancestralidade.

O futuro é preto, e isso não é previsão—
é constatação de uma realidade que pulsa
nas veias de quem sempre foi negado,
mas nunca deixou de existir.

Nos disseram que o futuro era alheio,
uma construção de mãos que não as nossas.
Esqueceram-se das sementes enterradas
em solos férteis de dor e coragem,
onde nossos passos desenham trajetos novos
e nossas vozes rompem o silêncio imposto.

O que vemos ao olhar para frente
é um campo aberto, uma terra de possibilidades,
onde o amanhã não apenas acontece,
mas é moldado pela força de nossos sonhos.

O futuro é preto porque é feito de resiliência,
de mãos calejadas que nunca se entregaram,
de mentes brilhantes que desafiaram conceitos,
de corações que amaram, mesmo quando era mais fácil odiar.

Ele é o tambor que nunca se cala,
o canto que ressoa na escuridão,
a dança que sacode o chão da história,
levantando a poeira de um passado
que ainda tenta nos prender.

Mas não seremos reféns das amarras antigas.
Cada dia é um novo verso, uma nova canção
escrita com a tinta preta de nossas vivências.
O futuro é a criança que brinca na rua,
livre para imaginar mundos além das grades,
é o jovem que, ao se ver no espelho,
reconhece a realeza estampada em sua pele.

E quando o sol nascer em um novo dia,
trazendo consigo as promessas não cumpridas,
ergueremos nossas cabeças, porque sabemos—
o futuro é preto, e ele nos pertence.

FILHOS DA ESPERANÇA

Somos filhos da esperança,
aquela que nunca se calou,
mesmo quando o preconceito nos tentava sufocar,
mesmo quando a desigualdade tentava nos silenciar.
A esperança cresceu em nossos corações
como uma chama que nunca se apaga,
mesmo quando tentaram apagar nossa luz.

Somos filhos da esperança,
porque nos ensinaram a sonhar,
mesmo quando o sistema dizia que nossos sonhos eram grandes demais.
Nos ensinaram que somos capazes,
que nossos corpos, nossa cor,
nossa história não são barreiras,
mas sim a força que nos impulsiona.

A nossa esperança é ver um amanhã
onde o racismo não dite os rumos da nossa vida,
onde nossos filhos possam andar livres,
sem medo de ser quem são.
É acreditar que as desigualdades podem ser superadas,
que a mudança não é um sonho distante,
mas uma realidade que estamos construindo
a cada passo, a cada vitória.

Somos filhos da esperança,
porque somos resistentes.
Quando tentam nos tirar a voz,
nos encontramos mais fortes.
Quando tentam nos tirar o lugar,
nos fazemos presentes.
Somos filhos da esperança,
porque, mesmo diante da dor,
sabemos que o futuro é nosso para conquistar.

A nossa esperança é ser mais que sobreviventes,
é ser protagonistas.
É ocupar espaços, vencer desafios,
conquistar o que sempre nos foi negado.
Nossa esperança é escrever nossa própria história,
e essa história será marcada pela nossa força,
nossa luta e nossa vitória.

Somos filhos da esperança,
e nossa esperança nunca vai falhar.

A NOVA ERA

A nova era é um sonho que se transforma em realidade,
um sonho que vive em nossos olhos,
no brilho da nossa pele,
na coragem que se reflete em cada passo dado.
Ela não é mais um futuro distante,
mas o agora, pulsando forte, como a batida do coração
de um povo.

A nova era é a voz que se ergue,
forte, clara, sem medo,
rompendo as correntes do passado.
É o ressoar de uma liberdade que não pede permissão,
mas que exige respeito,
que exige reconhecimento.
Ela significa o fim de um ciclo de silenciamento,
onde os nossos corpos eram ignorados,
onde nossas histórias eram apagadas.
Agora, a nova era é a celebração do ser negro,
do ser lindo, do ser forte,
do ser inteiro,
sem desculpas, sem justificativas.

Para nós, negros, a nova era é a concretização de um legado,
um legado de resistência que atravessa gerações.
É a certeza de que nossos filhos vão crescer
em um mundo diferente,
onde o racismo será apenas uma sombra do passado.
Eles terão liberdade para sonhar sem limites,
para conquistar o impossível,
para ser quem quiserem, sem medo de represálias,
sem medo de ser julgados por sua cor, por sua identidade.

A nova era é a prova de que a luta valeu a pena,
que a dor não foi em vão.
Ela é a promessa de que as futuras gerações
caminharão com os pés firmes no chão,
sem olhar para trás,
sem se deixar abalar pelas tempestades do preconceito.

A nova era é a chegada do nosso tempo,
um tempo em que o negro não precisa mais provar seu valor;
onde o futuro é mais brilhante do que jamais foi.
E esse futuro, finalmente, será nosso.

SONHOS QUE ROMPEM GRADES

Nossos sonhos não são apenas fantasias;
eles são a força que rompe as grades
físicas e psicológicas que o mundo tentou nos impor.
São os sonhos de um povo que se recusa a ser invisível,
que se recusa a ser limitado,
que, apesar de todas as barreiras,
continuam a acreditar em um amanhã melhor.

As grades que nos prenderam eram mais que ferro e cimento,
eram as ideias que nos tornavam inferiores,
as mentiras que tentavam apagar nossa história,
a exclusão que negava nosso direito de sonhar grande.
Mas nossos sonhos nunca se calaram,
nem se deixaram aprisionar.
Eles cresceram, se fortaleceram,
romperam as paredes da discriminação e da dor.

Cada passo dado é um sonho rompendo as correntes,
um passo em direção à liberdade,
ao reconhecimento da nossa força.
Cada conquista é uma resposta aos que disseram que não
podíamos,
é a demonstração de que nossa luta vale a pena,
de que nosso sonho não é em vão.

Sonhamos, sim, com um mundo onde nossa cor
não seja mais motivo de rejeição,
onde o racismo se tornará história,
e onde a igualdade será o alicerce sobre o qual erguemos nossos
sonhos.

Sonhamos com uma educação que nos celebre,
com um espaço onde a nossa arte floresça,
onde nossa cultura seja respeitada e admirada,
onde nossas vozes sejam ouvidas sem medo ou censura.

Mas, mais do que isso, nossos sonhos são resistência,
são uma força que desafia a opressão,
que continua, mesmo diante da dor e do medo,
a acreditar que o amanhã será melhor.
Não devemos parar de sonhar,
pois é através deles que construiremos o futuro,
que conquistaremos o que sempre nos foi negado.

Nossos sonhos rompem as grades e abrem portas,
porque, ao contrário do que tentaram nos ensinar,
o negro nunca foi pequeno,
nossos sonhos nunca foram pequenos.

PÁGINAS EM BRANCO, TINTA PRETA

Cada página em branco diante de nós
é um campo de possibilidades infinitas,
onde as histórias que foram silenciadas
agora ganham vida,
onde as vozes que foram abafadas
podem finalmente gritar.

Páginas em branco,
mas não vazias.
Estão cheias de sangue, de suor,
de sonhos não vividos,
de memórias de um passado que não se apaga.
São páginas que carregam o peso das lutas,
o peso da resistência,
e a leveza da liberdade conquistada.

Com tinta preta,
escrevemos nossa verdade.
Com tinta preta,
pintamos nosso futuro.
Cada palavra é um ato de coragem,
cada frase, um grito de liberdade.
A tinta preta é nossa essência,
é a cor do nosso ser,
da nossa história,
da nossa luta por espaço neste mundo.

Não mais invisíveis,
não mais apagados,
somos os escritores das nossas próprias histórias.
Não permitiremos que outros escrevam por nós,
não mais.
A história negra agora é escrita por nós,
com tinta preta,
em páginas em branco,
preparadas para serem preenchidas com nossa verdade.

Estamos escrevendo um legado,
uma herança que será passada adiante,
onde cada um de nós é autor,
onde cada conquista é registrada,
onde cada sonho se transforma em realidade.

A tinta preta é mais que uma cor,
é resistência.
É a marca de um povo que nunca deixou de lutar,
de um povo que se recusa a ser esquecido.
E enquanto as páginas vão sendo escritas,
vamos resistir,
vamos vencer,
vamos fazer com que nossa tinta preta
pinte o mundo de uma cor
que nunca mais será ignorada.

O futuro já está sendo escrito. E será preto.

O PODER DE SER

O poder de ser é a força que pulsa em nossa alma,
uma força inquebrantável,
que se ergue contra as mentiras que tentaram nos afundar.
É a resistência que habita em cada fibra do nosso ser,
a coragem de existir em um mundo que sempre nos quis
pequenos.
O poder de ser é a força que nos lembra que somos grandiosos,
não por nos conformarmos,
mas por nos recusarmos a ser definidos pelas mentiras do
racismo.

Ser negro não é um peso,
é um legado de resistência,
de luta, de coragem,
uma marca que carrega história e honra.
Nossa cor não é um fardo,
é a nossa identidade,
uma identidade que brilha, que se destaca,
que quebra os muros da ignorância.

O poder de ser é um grito que ecoa
naqueles que resistiram à opressão,
nos que se levantaram das cinzas da escravidão,
nos que enfrentaram o racismo com dignidade.
É a nossa voz, que nunca se cala,
nem diante da dor,
nem da rejeição.

Porque sabemos que somos mais,
muito mais,
do que as opiniões que tentam nos diminuir.
Somos grandes,
não porque pedimos permissão,
mas porque nosso brilho é natural,
porque nossa força é herança.
Não devemos ter vergonha da nossa cor,
não devemos esconder o orgulho que nos define.

O poder de ser é nossa essência em seu estado mais puro,
é a coragem de ocupar o mundo com a certeza de
que temos direito
a todos os espaços, a todas as vitórias.
Ser negro é resistir, é existir em plenitude,
é fazer história,
é provar, a cada dia, que o nosso lugar é o topo,
pois somos feitos para brilhar.

NOSSA VOZ NO MUNDO

A nossa voz é um rugido que atravessa a história,
um grito de resistência que ressoa nos ventos,
que atravessa oceanos e fronteiras,
sem medo, sem censura, sem desculpas.
Não somos sombras a serem ignoradas,
somos a força que rompe as barreiras do silêncio,
a verdade que resiste à manipulação,
à tentativa de nos apagar.

Por muito tempo, tentaram nos calar,
tentaram nos reduzir, nos submeter,
mas a nossa voz, carregada de memórias,
resiste a todas as tentativas de silenciamento.
Ela cresce, ela se fortalece,
ela se espalha nas ruas, nas praças,
nas montanhas e nos campos,
em cada canto onde se tenta apagar a nossa essência.

Não importa o quanto tentaram sufocar nossa palavra,
não importa o quanto tentaram nos fazer acreditar
que não tínhamos o direito de ocupar o espaço
que nos pertence por direito.
A nossa voz está no sangue que corre em nossas veias,
está na força de cada batalha vencida,
está na sabedoria dos que resistiram antes de nós,
está na coragem dos que nunca se calaram.

Nos lugares onde nos disseram que não éramos suficientes,
a nossa voz se fez presente,
mostrando que somos mais que um reflexo
de um passado de dor.
Somos a prova de que a luta nunca foi em vão,
e que a nossa voz tem poder.
É um poder que não se apaga,
que não se dobra,
que não se silencia.

A nossa voz é a força que pode mudar o mundo,
pois é a voz da verdade,
da justiça,
da liberdade.
E ela nunca mais será silenciada.

LIBERDADE INADIÁVEL

Liberdade não é favor,
não é concessão,
não é algo a ser dado,
mas algo a ser tomado.
A liberdade é a nossa urgência,
é a nossa exigência.
Não podemos mais esperar,
não podemos mais nos esconder
atrás de desculpas que tentam nos silenciar.

A liberdade não é um sonho distante,
não é uma promessa vazia,
não é uma ideia que pode ser adiada
para um amanhã que nunca chega.
A liberdade é agora!
É aqui!
É para já!
A cada passo que damos,
a cada conquista que alcançamos,
a cada palavra que soltamos,
é a nossa liberdade que cresce,
que se fortalece, que grita.

Por séculos tentaram nos convencer
de que não merecíamos o poder de existir sem medo,
de que nossas vozes não tinham o direito de soar,
de que nossos corpos não eram dignos de espaço.
Mas a nossa liberdade é inadiável,
ela não pode mais ser comprimida,
não pode mais ser retida,
não pode mais ser ignorada.
É nossa, e tomamos ela com a força de nossos ancestrais.

Cada passo nosso é uma ruptura,
um grito que ecoa pelo tempo,
uma revolução que não cessa.
Nossa liberdade é mais do que um direito,
é uma arma,
é uma conquista,
é a nossa essência,
a nossa afirmação no mundo.
E ninguém mais vai nos tirar o que é nosso.
A nossa liberdade é inadiável,
porque nós somos inadiáveis.
Hoje, agora, sempre.

MAIS FORTES QUE ONTEM

Hoje, olhamos para o ontem e vemos
quanto já caminhamos.

A cada desafio, a nossa força cresce,
não apenas nos corpos, mas nas mentes,
nos corações, nas nossas ações.

A evolução não é um ponto final,
é um movimento constante,
uma construção diária.

Cada conquista nossa,
cada vitória acadêmica, política, social e pessoal,
é uma prova de que a adversidade
não nos enfraquece, mas nos fortalece.
Já nos disseram que não conseguiríamos,
que o sistema não nos daria espaço,
mas nossas vozes, nossos corpos,
nossos sonhos seguiram em frente,
quebrando barreiras, rompendo limites.

Olhe ao redor e veja o poder
que cresce em nossos passos.
Nas universidades, no mercado de trabalho,
nos espaços políticos,
em cada canto onde nossa presença é sentida,
há uma revolução silenciosa, mas poderosa.

Nos lugares onde fomos ignorados,
agora ocupamos,
nos lugares onde fomos desvalorizados,
agora brilhamos.

A cada dia, somos mais fortes,
não pela ausência de dor,
mas pela forma como enfrentamos ela.
Porque a desigualdade, as adversidades,
não definem quem somos,
não nos definem.
Nós somos mais do que aquilo que tentam nos impor.

O que fomos ontem é só uma lembrança
do que somos agora.
E o que seremos amanhã,
será ainda mais grandioso.
Porque a cada desafio superado,
nós nos tornamos mais fortes.
E a nossa história é apenas o começo.

UM NOVO AMANHECER

É no calar da noite que crescemos,
nas sombras onde forjamos nossa força,
porque, quando o sol se levanta,
é o brilho da nossa resistência que ilumina o mundo.
O amanhecer não é apenas a chegada de um novo dia,
é a vitória de cada batalha silenciosa,
de cada passo dado em direção à liberdade,
à dignidade que nos é de direito.
Este amanhecer é o reflexo da nossa luta constante,
não é uma promessa distante,
é a realidade que estamos construindo
a cada escolha, a cada movimento,
a cada vitória que já conquistamos
e que ainda conquistaremos.
Somos o renascimento,
somos a força que cresce
em meio às adversidades.

O futuro que almejamos é mais do que uma esperança,
é um legado que será transmitido
aos nossos filhos, aos filhos dos nossos filhos.
É o futuro em que nossas vozes não serão mais silenciadas,
onde nossa presença não será mais questionada,
onde nossa identidade será celebrada,
nossa história, respeitada.

E assim, com cada novo amanhecer,
as correntes que nos prenderam ao passado
se desfazem,
dão lugar a um novo céu,
a um novo tempo em que a liberdade é nossa,
onde a esperança é a nossa bandeira,
e o futuro é o reflexo da nossa coragem.
Porque sabemos que a luta não acabou,
mas estamos mais fortes, mais unidos,
e a cada amanhecer,
nos tornamos mais poderosos.
O amanhã é negro,
e a luta, nossa.
Nós somos o futuro.
E ele já começou.

MANIFESTO PARA O AMANHÃ

Cada verso deste livro é um testemunho.

Um grito, uma lembrança, uma promessa.

Ao longo dessas páginas, escrevi sobre as raízes que nos sustentam, as lutas que nos moldam, as vitórias que nos fazem avançar.

Falei sobre resistência, identidade e orgulho.

Sobre os sonhos que persistem, as correntes que rompemos, e o mundo que estamos reconstruindo, tijolo por tijolo, passo por passo.

Se há algo que este livro deixa claro, é que o futuro é preto.

Não porque nos deram esse direito,
mas porque nós o tomamos para nós.

Porque construímos esse futuro com as nossas mãos, com suor,
com sangue, com coragem.

Não somos mais sombras à margem da história.

Somos os autores do que está por vir.

A nossa voz ecoa, nossa presença cresce,
nossa liberdade é inadiável.

O futuro não é um pedido, não é um favor.
O futuro é preto porque a nossa existência é inegável,
porque a nossa luta nunca cessará, e porque a esperança
que carregamos é mais forte do que qualquer barreira.

Que cada página deste livro sirva como um lembrete:
não há volta, não há fim, somente o amanhã que nos espera.
E nesse amanhã, nós somos protagonistas.
O futuro é e sempre será preto.

REFERÊNCIA

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Editora Pólen, 2017.

POSFÁCIO

Se “O futuro é preto”, o que leva uma mulher branca a organizar esta obra? O que leva uma mulher branca a sentir necessidade de aprender sobre as relações étnico-raciais? A resposta é, justamente, por ser uma mulher branca! Do meu lugar de fala, já que Djamila Ribeiro (2019)¹ ensina que todos nós temos um lugar de fala – cada um dentro da sua perspectiva e experiência – falo desse lugar de mulher branca, docente e incomodada ao presenciar em sala de aula e nas dependências do próprio IFRS, atos racistas travestidos de intimidade por meio de piadas (nada engraçadas!) as quais algumas pessoas insistem em querer nos deixar acostumados: o racismo de entretenimento ou recreativo (MOREIRA, 2019)².

Mas não podemos nos acostumar e precisamos romper o ciclo desse racismo cultural e estrutural que insiste em se fazer presente na nossa sociedade. O branco deve se desacomodar e se enxergar também como o “outro” em vez de acreditar ser o “ser universal” (CARDOSO, 2020)³; devemos silenciar e ouvir mais, pois é na escuta que desenvolveremos maior empatia e entendimento. Por isso, fiz questão de organizar esta obra do nosso estudante de Engenharia do IFRS Campus Rio Grande que veio de Angola por meio de intercâmbio e é membro do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena), pois assim ele pode ser “ouvido” por meio da sua escrita.

1 RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

2 MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

3 CARDOSO, Lourenço da Conceição. O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. A branquitude acadêmica: Volume 2. 1ed. Curitiba: Appris, 2020.

Nesta obra, Luís Faicha nos fez embarcar numa jornada que envolve reflexão e pensamentos críticos sobre o ser negro no Brasil, ou melhor, ele fala do lugar de um nativo africano residente no Sul do país. No entanto, facilmente os leitores afro-brasileiros puderam se reconhecer nessas linhas. Foi uma viagem que permitiu a todos os leitores compreender de maneira poética as origens, as adversidades ainda postas, e também as belezas de ser negro.

Os textos nos levaram das dores e resistências às lutas e belezas, começando pela ancestralidade e força que não sucumbiram aos horrores da escravidão. Em seguida o autor nos mostrou que a resistência e luta pela liberdade permitiram que correntes fossem quebradas, mas ainda seguem camufladas na forma de um racismo estrutural que pode ser sentido ou visto em cada canto do nosso país. Um preconceito que não permite às pessoas enxergarem a beleza negra em toda a sua essência, mas Luís afirma – e concordo – que tal beleza não precisa de permissão nem para existir, nem para sorrir e nem para vislumbrar um futuro preto promissor.

Esse futuro carrega o legado de gente sábia, que tem no seu sangue a força da sua ancestralidade que vem do coração da África, onde a natureza é exuberante, assim como seus povos. Luís nos apresentou as danças que tomaram nosso imaginário por meio das suas palavras que descrevem toda a energia pulsante dos povos do Senegal, Angola, Gana, e que nos fazem querer sair dançando. Sabe aquela leitura que nos leva aos lugares? Que nos faz sentir cheiros e sabores, trazendo experiências e percepções que nos modificam? Então, essa foi a experiência para mim e, espero, que tenha sido para cada leitor que pode se deliciar nos versos de Luís Faicha, sendo tocado e modificado.

Sabrina Hax Duro Rosa

Docente Titular do IFRS Campus Rio Grande

*Coordenadora do Núcleo de Estudos
Afro-Brasileiros e Indígena (NEABI)*

*Doutora em Letras pela Universidade
Federal de Pelotas (UFPel)*

GLOSSÁRIO

Agbadza – Dança e ritmo tradicional do povo Ewe, no Gana.

África – Continente de origem dos povos negros, berço de civilizações e culturas ricas.

África do Sul – País localizado no extremo sul do continente africano, conhecido por sua diversidade cultural e histórica luta contra o apartheid.

Angola – País africano marcado por forte ancestralidade e resistência contra a colonização.

Apartheid – Sistema de segregação racial imposto na África do Sul entre 1948 e 1994, que discriminava a população negra.

Batuque – Som dos tambores ou forma de manifestação cultural afro-brasileira, com música e dança.

Cabo Verde – Arquipélago africano de cultura forte e identidade marcante.

Chibatada – Ato de punição com chibata (chicote), historicamente usado contra negros escravizados.

Camarões – País africano com grande diversidade étnica e linguística.

Carthago – Cidade-estado africana, rival de Roma, conhecida por Aníbal e as Guerras Púnicas.

Congo – Região que abrigou grandes reinos e resistências contra a escravidão.

Etiópia – País africano com uma das civilizações mais antigas do mundo, nunca colonizado e berço da cultura rastafári.

Ébano – Madeira escura e nobre, usada poeticamente para descrever a pele negra com beleza e força.

Gana – Berço do Império de Gana, uma das civilizações mais ricas da África Ocidental.

Gabão – Nação centro-africana de grande diversidade cultural.

Gueto – Área urbana onde grupos marginalizados, especialmente negros e imigrantes, vivem devido a fatores sociais e econômicos. Historicamente, muitos guetos foram formados por segregação e exclusão.

Griots – Contadores de histórias, guardiões da tradição oral na cultura africana, especialmente na região do Oeste Africano. Transmitem conhecimentos, histórias e músicas de geração em geração.

Gwara Gwara – Dança sul-africana que se tornou mundialmente famosa.

Indlamu – Dança tradicional do povo Zulu, marcada por força e ritmo intenso.

Kuduro – Estilo musical e de dança angolano, expressão da juventude negra.

Kwando – Rio que atravessa Angola e outras regiões africanas.

Luanda – Capital de Angola, cidade de grande importância histórica e cultural.

Mali – Berço do poderoso Império do Mali, conhecido por reis como Mansa Musa.

Malês – Escravizados muçulmanos que organizaram revoltas no Brasil colonial.

Marrocos – País do norte da África com forte influência árabe e berbere.

Moçambique – Nação africana com forte influência cultural e histórica.

Niger – Rio e país africano que desempenhou papel crucial no comércio transaariano.

Nigéria – Maior nação africana em população, lar de diversos povos e reinos antigos.

Nilo – O rio mais longo do mundo, essencial para a civilização egípcia e Núbia.

Okavango – Delta famoso por sua biodiversidade e importância para a África Austral.

Palmares – Maior quilombo do Brasil, símbolo da resistência negra contra a escravidão.

Quilombo – Comunidade formada por negros fugidos da escravidão, onde resistiam e preservavam suas culturas africanas. No Brasil, o Quilombo dos Palmares foi um dos mais famosos.

Revolta dos Malês – Levante de escravizados muçulmanos no Brasil, um marco da resistência.

Saara – Maior deserto do mundo, que conecta diversas culturas africanas.

Sabar – Estilo de dança e percussão originário do Senegal.

Sahel – Faixa de transição entre o deserto do Saara e a savana africana, conhecida por sua vegetação semiárida

Savana – Bioma característico do continente africano, com vastas planícies e árvores esparsas.

Senegal – País conhecido por sua tradição oral e os griots, guardiões da história.

Soweto – Cidade sul-africana onde ocorreram importantes protestos contra o apartheid.

Tambor – Instrumento de percussão central na cultura africana, usado para comunicação, rituais e celebrações.

Uganda – País do leste africano, conhecido por sua cultura rica e resistência histórica.

Zambeze – Um dos principais rios da África, vital para diversas civilizações.

Zimbábue – País que abriga as ruínas da Grande Zimbábue, símbolo de um poderoso reino africano.

Zulu – Povo guerreiro da África do Sul, liderado por figuras como Shaka Zulu

SOBRE A ORGANIZADORA

Sabrina Hax Duro Rosa

Doutora em Letras (Linguística Aplicada - LA) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com doutorado sanduíche na Universidade da Califórnia Berkeley (UC Berkeley); Mestre em Letras (LA) pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e graduada em Letras - habilitação Português e Inglês, pela UCPel. Atualmente é professora Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Rio Grande, atuando como professora de Língua Inglesa e coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI). É integrante do grupo de pesquisa “Produção de Materiais, Tecnologias e Linguística Aplicada (TecLA)” (IFRS/CNPq) e do grupo de pesquisa “Perspectivas de Representatividade, Inclusão, Sexualidade, Gênero e Raça em Movimentos Acadêmicos (PRISMA)” (IFRS/CNPq). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino de Língua Inglesa, atuando principalmente em Linguística Aplicada Crítica, Educação Antirracista e Relações Étnico-raciais.

SOBRE O AUTOR

Luís Lourenço Faicha

Nascido em Luanda, Angola, carrega consigo as memórias da sua terra. É técnico de Manutenção Mecânica, escritor e graduando em Engenharia Mecânica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Rio Grande. Sua paixão é a poesia: escreve inspirado no cotidiano no Brasil e pelas lembranças de Angola. Sua escrita revela a beleza do povo africano, valoriza a ancestralidade e expõe o racismo e o preconceito que enfrenta desde sua chegada ao Brasil. Escreve porque sonha em transformar mentes e corações, acreditando que o amor ao próximo é a única cura para os problemas que marcam as relações humanas. Atualmente, compartilha suas poesias e pensamentos também nas redes sociais, e este livro é parte desse sonho de resistência e esperança.



www.pimentacultural.com

O FUTURO É PRETO



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

 peripécia